

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica

ALINE PRISCILA PEREIRA DE SOUZA

As falhas do pai na tendência antissocial: A atuação destrutiva como resposta à
deprivação paterna.

Belo Horizonte

2015

ALINE PRISCILA PEREIRA DE SOUZA

As falhas do pai na tendência antissocial: A atuação destrutiva como resposta à
deprivação paterna.

Monografia apresentada ao Curso de
Especialização em Teoria Psicanalítica, da
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
da Universidade Federal de Minas Gerais,
como requisito de avaliação para obtenção
do título de Especialista em Teoria
Psicanalítica.

Área de concentração:

Psicanálise

Orientador: Prof. Dr. Fábio Roberto
Rodrigues Belo

Belo Horizonte

2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Souza, Aline Priscila Pereira de.

As falhas do pai na tendência antissocial: A atuação destrutiva como resposta à deprivação paterna. / Aline Priscila Pereira de Souza; orientador Dr. Fábio Roberto Rodrigues Belo. – Belo Horizonte, 2015.

37 f.

Monografia (Especialização) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica. Área de Concentração: Psicanálise

1. Tendência Antissocial 2. Delinquência. 3. Paternidade 4. Destrutividade 5. Winnicott 6. Psicanálise

I. BELO, F. R. R. Título: A atuação destrutiva como resposta à deprivação paterna.

Nome: Souza, Aline Priscila Pereira de

Título: As falhas do pai na tendência antissocial: A atuação destrutiva como resposta à privação paterna.

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica para obtenção do título de Especialista em Teoria Psicanalítica.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. Fábio Roberto Rodrigues Belo

Instituição: UFMG Assinatura: _____

Prof. Dr^a. Maria Teresa de Melo Carvalho

Instituição: UFMG Assinatura: _____

Prof. Alberto Luiz Rodrigues Timo

Instituição: UFMG Assinatura: _____

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à minha família e ao meu noivo pelo amor, incentivo de sempre. Simplesmente, não conseguiria finalizar esse trabalho sem o apoio de vocês.

Ao meu orientador Prof. Dr. Fábio Roberto Rodrigues Belo por ser um ambiente suficientemente bom no longo processo de desenvolvimento acadêmico que aqui se inicia. Seu cuidado, disponibilidade e competência foram fundamentais para a conclusão desse trabalho.

À Profª Drª. Maria Teresa de Melo Carvalho pelas orientações iniciais que me possibilitaram organizar e dar sentido as ideias que inicialmente eram tão difusas, agradeço pela paciência e dedicação.

À UFMG e ao corpo docente do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica que me propiciaram o vislumbre de novos horizontes através da excelência com que conduziram as disciplinas do curso.

Aos meus amigos por acreditarem em mim e por entenderem minha ausência, em especial para minha colega de profissão e amiga Michele Reis pelas valiosas contribuições e por me amparar em momentos de angústia.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte dessa trajetória de crescimento profissional e pessoal.

Resumo

Esse trabalho tem por objetivo promover uma reflexão sobre a relação entre a privação paterna e a destrutividade presente na tendência antissocial através de pesquisa e revisão sistemática de textos de Winnicott e seguidores, utilizando como recurso adicional análise do livro *Precisamos falar sobre o Kevin* (2007), escrito pela autora norte-americana Lionel Shriver. Tendo em vista que na obra winnicottiana a mãe aparece como figura primordial nas diferentes etapas do desenvolvimento infantil, é preciso destacar que o pai também está presente como integrante do ambiente suficientemente bom necessário para o desenvolvimento saudável, seu cuidado é demandado de diferentes formas e suas falhas podem resultar em comprometimentos ao processo de maturação da criança. Na tendência antissocial a criança reivindica, através da atuação destrutiva, a estabilidade ambiental que se perdeu por um tempo maior que suas defesas do ego poderiam resistir, assim a atividade destrutiva compulsiva estaria relacionada à privação da função do cuidado paterno de moldurar a agressividade da criança. Quando a capacidade de uso dos objetos ainda não foi alcançada, o pai ao não dar contorno e limites aos ataques instintivos do bebê à mãe, pode comprometer a capacidade da criança de perceber o objeto como externo e com realidade própria e além do mais, a não sobrevivência da mãe real à destruição da mãe fruto de projeções pode impactar na construção da área intermediária de relação entre o eu e o outro que garante que parte do objeto externo continue sendo interno, ou seja, o amor a um objeto real e externo. No estágio do concernimento a criança já reconhece que o ambiente possui um débito para com ela, assim a falha do pai em garantir que a criança expresse sua destrutividade de forma segura pode comprometer o alcance da capacidade de envolvimento e consequentemente do sentimento de culpa que são as bases para o desenvolvimento da criatividade que envolve a atividade social.

Palavras Chave: Tendência Antissocial. Delinquência. Paternidade. Destrutividade. Winnicott. Psicanálise.

Sumário

Considerações Iniciais.....	07
Desenvolvimento.....	10
Capítulo 1-Winnicott e a delinquência.....	10
Capítulo 2-O papel do pai no desenvolvimento da moralidade pessoal da criança.....	17
Capítulo 3-As falhas do pai na tendência antissocial: A atuação destrutiva como resposta à privação paterna.....	23
Considerações Finais.....	30
Referências Bibliográficas.....	33

Considerações iniciais:

De acordo com dados do relatório Índice de Progresso Social (IPS) o Brasil é considerado o 11º país menos seguro do mundo¹. Adorno (2002) afirma que o número de crimes que envolvem violência tem crescido no Brasil nos últimos anos, acompanhado por mudanças nos padrões de criminalidade e no perfil das pessoas envolvidas em delinquência.

Tendo em vista a multideterminação do tema, autores das várias áreas do conhecimento se propuseram a investigá-lo na tentativa de fornecer respostas sobre a gênese do comportamento delinquente. Nesse contexto, “buscando extrapolar a vertente exclusivamente de vigilância e proteção da sociedade” (Martins Da Cruz, 2011, p. 11), a psicanálise traz contribuições importantes para o entendimento das vicissitudes do sujeito que infringe a lei socialmente partilhada.

Tradicionalmente em psicanálise a constituição do sujeito, incluindo sua consciência moral, é vista a partir da formulação teórica freudiana descrita como “Complexo de Édipo”. Nesse contexto o pai desempenha o papel de representante da lei, o que inclui a ameaça da castração, que impossibilita a criança de tomar a mãe como objeto de satisfação de seus desejos sexuais. Uma das saídas esperadas para o conflito edípico é o de recalcar esse desejo sexual infantil, esse recalçamento possui uma dupla implicação: a identificação ao pai e a recusa de seus desejos sexuais para com o objeto materno (Freud,1996a, p.219).

Para Martins Da Cruz (2011):

Como desdobramento da passagem pelo complexo de Édipo, fundam-se as relações do sujeito com o âmbito das interdições e o das possibilidades, do que lhe está vedado e do que lhe é autorizado. A partir dele, ficam definidos os interditos básicos que regulam a ordem humana, mas também abrem o caminho para que cada pessoa possa construir sua história e percurso que desejar. Assim, partindo das interdições edípicas, está proibido ao sujeito matar o próximo, agredir seu corpo, roubar-lhe os bens e objetos de gozo. Além disso, fica delimitado um grupo de objetos sexuais que podem ser acessados pelo sujeito para obtenção de gozo sexual. Fica assim constituída a possibilidade de relações de reciprocidade entre os indivíduos, nas quais o reconhecimento mútuo pode-se dar (p.43).

Com a introdução do conceito de superego em sua segunda tópica, formulada no texto *O Ego e o Id*, Freud (1996b) partiu do pressuposto da dupla função da interdição afirmando que durante o desenvolvimento da criança, o papel do pai passa a ser exercido também por outras figuras de autoridade e suas proibições continuam, porém agora introjetadas sob a forma de censura que exerce a consciência moral (c.f. Barreta,2012).

¹ Fonte: Índice de Progreso Social 2014.

Em linhas gerais, para o pai da psicanálise, os aspectos citados são a base para a constituição moral dos sujeitos. No que se refere à compreensão da delinquência, uma das possibilidades expostas por Freud (1996b) diz respeito a um sentimento de culpa que subjaz a consciência e que encontra no ato criminoso uma culpa nomeável e concreta, já que a culpa inconsciente é por demais insuportável para se trazer à consciência, pois está relacionada aos desejos silenciosos do conflito edípico. Nesse sentido, a delinquência seria um sintoma.

Em muitos criminosos, especialmente nos principiantes, é possível detectar um sentimento de culpa muito poderoso, que existia antes do crime, e, portanto, não é o seu resultado, mas sim o seu motivo. É como se fosse um alívio poder ligar esse sentimento inconsciente de culpa a algo real e imediato. (Freud, 1996b, p.32).

Visto isso, coube ao pai o papel de representante da lei, assim sua articulação com a constituição da moralidade se faz necessária para compreender-se a dinâmica da delinquência. Todavia, esse trabalho buscará compreender essa relação extrapolando o que Loparic (1996) chamou de paradigma edipiano, utilizando para tal o referencial teórico de D. Winnicott e seus seguidores.

O fator decisivo para o surgimento da psicanálise winnicottiana foi a sua crescente convicção de que existem problemas iniciais da vida humana que podem ser claramente identificados e descritos, e que não são solúveis por meio dos elementos da teoria da situação edípica e do complexo de Édipo (Loparic, 1996, p.3).

Winnicott atuou efetivamente nos programas sociais ingleses de evacuação e reintegração de crianças e adolescentes durante a Segunda Guerra Mundial, bem como no atendimento clínico de crianças e adolescentes com comportamentos antissociais e até mesmo com delinquentes (Dias & Loparic, 2008, p.50). Entretanto, assim como outros vários psicanalistas do início do século XX, construiu sua teoria calcada no modelo familiar nuclear europeu conservador, cujo padrão era essencialmente heteronormativo: a mãe aparece como a responsável pelos cuidados domésticos e dos filhos e o pai como provedor, cuja responsabilidade seria a de manter o sustento e garantir o custeio das despesas financeiras da casa (Ferreira & Aiello-Vaisberg, 2006, p.137). Assim é importante frisar que diante das diversas possibilidades atuais de configurações familiares, fica evidente que não se tem como proposta abarcar todos os modelos de família e a diversidade de possibilidades de papéis que os sujeitos podem assumir nesse contexto.

Partindo desses pressupostos, o autor considera que a criança teria uma tendência inata para o amadurecimento e o êxito da consciência moral seria fruto de cuidados “suficientemente bons” oferecidos durante os diferentes estágios de seu desenvolvimento (cf. Rosa, 2009). Em contrapartida, a tendência antissocial seria o resultado da ocorrência de uma

falha ambiental, ou seja, “da falta de facilitação por parte do ambiente” (Rosa, 2011, p. 67) relacionada à deprivação materna ou paterna no começo da vida do bebê, visto que, se essa falha não for percebida como um pedido de socorro e sanada a tempo, o sujeito obterá ganhos secundários e um dos caminhos possíveis é o da delinquência (cf. Winnicott, 1995). Faz-se necessário destacar que o termo “deprivação ou deprivation” é um neologismo criado pelos winnicottianos na tentativa de distinguir-se do termo “privação ou privation”. Para esses autores, nos referimos à “privação” quando existe uma falha ambiental que acontece na fase de dependência absoluta, ou seja, antes do bebê criar o mundo externo, no entanto existem falhas que ocorrem quando o bebê já possui um eu constituído e já tem a capacidade de se relacionar com a realidade externa, essas são designadas como “deprivação” (Dias & Loparic, 2008, p.53).

Posto isso, tem-se como objetivo promover uma reflexão sob a relação entre a deprivação paterna e a destrutividade presente na tendência antissocial utilizando como metodologia de pesquisa a revisão sistemática de textos de Winnicott e seguidores. Sob essa perspectiva, pretende-se explorar o assunto em três tópicos: o primeiro terá como proposta o entendimento da psicogênese da delinquência em Winnicott, sendo notório que o autor privilegia em alguma medida o papel materno. Entretanto, percebeu-se que a qualidade da presença e das ações do pai, são componentes essenciais nas diferentes fases do desenvolvimento humano, logo, o capítulo dois buscará enfatizar o lugar ocupado pela figura paterna na obra winnicottiana. Para finalizar, o capítulo três enfatizará a relação entre o cuidado paterno e a direção da destrutividade presente na tendência antissocial. Assim, a fim de enriquecer a discussão, se propõe dialogar os textos winnicottianos com aspectos da infância do personagem Kevin, do inquietante suspense *Precisamos falar sobre o Kevin*, de Shriver (2007).

Capítulo 1 - Winnicott e a delinquência

Segundo Guizzo Gomes Da Silva (2008), Winnicott trata o assunto da moralidade como parte da maturação humana, sendo um aspecto que pode ser descrito nos termos do desenvolvimento na criança da capacidade para ter um senso moral, não produzindo assim um encadeamento teórico sobre o tema como para Freud e Klein. O sentido de bem e mal seria adquirido pela criança naturalmente, “desde que certas condições de assistência ao ambiente possam ser tomadas como coisa garantida” (Winnicott, 1982a, p. 104).

Nos primeiros meses de vida “o bebê necessita ligar as suas experiências físicas a uma relação amorosa com a mãe, assim necessita igualmente dessa relação como base para seus temores” (Winnicott, 1982a, p. 106). Nesse ponto de vista, além de atender as necessidades fisiológicas do bebê, o cuidador o protegeria de suas excitações advindas de ideias agressivas ou destrutivas que aos poucos tendem a ser substituídas por “pais que compreendem e que reagem aos impulsos infantis, que podem ficar magoados ou zangados” e ainda assim sobreviverem (Winnicott, 1982a, p. 107).

A sobrevivência do objeto amado permite a criança recuperar a confiança nesse e em si mesmo, pois “o que é fácil de adaptar ou bom se acumulam no depósito de experiências da criança como uma qualidade própria”. O bebê experimenta amor e ódio tal como qualquer adulto e a agressividade estaria presente antes mesmo de seu nascimento (Winnicott, 1982a, p. 107).

Inicialmente os pontapés e pancadas não objetivam ferir o objeto, mas sim, à medida que se depara com “alguma coisa” que se opõe a esse movimento, o bebê gradualmente descobre a possibilidade de relacionar-se com o mundo externo (Dias, 2000, p.14-15). Assim “a agressão está sempre ligada ao estabelecimento de uma distinção entre o que é e o que não é o eu” (Winnicott, 1995, p.104).

Dias (2000) afirma que o potencial agressivo dependerá da quantidade de oposição que o bebê encontrará, sendo necessário um cuidado para que o excesso da mesma não reprima o movimento, pois a repressão em excesso impossibilita a fusão da tensão instintual com a motilidade. Além do mais, para que o bebê experiencie sua impulsividade pessoal, é importante que o movimento seja espontâneo, pois quando é o meio que repetidamente tem a iniciativa, a motilidade é vivida como uma reação à invasão.

Para Winnicott (2000a) a agressividade quando a integração do ego ainda não foi consolidada, seria “parte de uma expressão primitiva de amor” (p. 289) e não seria intencional, mas faria parte dos impulsos urgentes de satisfação do id (tensão instintual) que contém em si um elemento destrutivo.

Tanto a movimentação vigorosa quanto o impulso imperioso de aferrar-se ao seio e mamar podem parecer, à mãe inexperiente e ao observador, uma demonstração de agressividade. De fato, dependendo da vitalidade do bebê, pode acontecer de a atividade da gengiva ser tão vigorosa que machuque o seio. Para Winnicott, no entanto, não se pode ainda falar de agressividade nos estágios iniciais, pois esse termo só faz sentido quando a ação é movida por um propósito e o bebê ainda não está de posse de razões ou intencionalidade. Há muita confusão sobre este ponto, diz ele, derivada do fato de se usar o termo agressão, para esse momento inicial, quando o que se quer dizer é espontaneidade. É a vitalidade e a impulsividade do bebê que se manifestam no comer e devorar e na necessidade que ele tem de mexer-se, topar com objetos e agarrá-los” (Dias, 2000, p. 16).

Para expressar tal ideia da relação entre amor, apetite e agressão Winnicott (1995) utiliza o termo kleiniano de voracidade, pois essa busca pela satisfação contém em si um elemento que pode ser interpretado pela mãe como destrutivo e cruel. Entretanto, é notório que não existe intenção do bebê em feri-la, pois nessa etapa o mesmo não tem um si-mesmo constituído, além do mais “não considera que o mesmo objeto que ele destrói quando excitado é o mesmo que ele valoriza nos intervalos da excitação.” (Winnicott, 2000a, p. 290).

O erotismo oral atrai para si componentes agressivos, e na saúde é o amor oral que leva consigo a base para a parte maior da agressividade real, ou seja, a agressividade deliberada do indivíduo, sentida como tal pelos que estão a sua volta (Winnicott, 2000a, p. 289).

É necessário que o cuidador perceba as necessidades do bebê e seja sensível para satisfazê-las, reconhecendo que em cada pequeno gesto existe uma pequena contribuição que será a precursora das demais contribuições para a sociedade em geral (Winnicott, 1982a, p. 106). Dessa forma, a reação da mãe frente à excitação voraz do bebê contribuirá de forma decisiva para a integração da agressividade do bebê à sua personalidade total (Dias, 2000, p. 22).

Quando me trouxeram o bebê, ele investiu contra meu seio de um modo selvagem, dilacerando meus mamilos com as gengivas e, em pouco tempo, o sangue escorria. Senti-me dilacerada e aterrorizada. Levei muito tempo para me recuperar do ódio que surgiu em mim contra a pequena fera e acho que essa é uma das principais razões porque o bebê nunca desenvolveu uma verdadeira confiança quanto ao bom alimento (Winnicott, 1995, p.91).

Nos primeiros meses, o bebê precisa adquirir confiança em ser capaz de criar aquilo de que necessita, as características da experiência são incorporadas como atributos do si-mesmo que podem ser projetados e coincidir com o que é oferecido pelo ambiente suficientemente bom, que precisa acolher essa projeção tal como se essa relação fosse uma projeção do seu si-mesmo. À medida que o bebe se desenvolve, o adulto cuidador deve possibilitar ao bebê a vivência da frustração gradual de sua onipotência e controle mágico em direção à percepção

objetiva e com vivência própria do objeto outrora criado. Alguns desses objetos externos e que devem ser duráveis, são oferecidos pela mãe e serão usados pelo bebê como objetos transicionais que possibilitarão o exercício do controle via manipulação e também para proteger a mãe de seus impulsos agressivos. Essa etapa permite o avanço em direção à elaboração da capacidade de preocupar-se que será tratado a seguir (Dias, 2000, p. 27-31).

Winnicott (2000a) expõe que é no estágio do concernimento que o bebê alcança certo grau de integração do ego e passa a ter um senso pessoal de tempo. Nesse momento, a experiência erótica e agressiva podem ser combinadas em um único objeto através da vivência da ambivalência abrindo a possibilidade do envolvimento com o outro, do sentir e aceitar responsabilidades e conseqüentemente do sentimento de culpa que será um importante elemento para o desenvolvimento das funções sociais do sujeito.

No texto “O desenvolvimento da capacidade de envolvimento”, de 1962, o autor expõe que é nessa fase do desenvolvimento que ocorre o processo onde a mãe-objeto, que fora outrora usada implacavelmente por ser detentora do objeto parcial que poderia satisfazer suas necessidades, funde-se à mãe-ambiente, que recebeu toda afeição por ser a pessoa que afasta o imprevisível e cuida ativamente da criança. Entretanto, como condição para que o bebê alcance essa etapa do desenvolvimento é preciso que a mãe-objeto tenha sobrevivido aos ataques instintivos e que a mãe-ambiente continue empática em relação ao bebê e esteja presente para receber seu gesto espontâneo e para ser agradada.

Dada ambivalência entre mãe-objeto e mãe ambiente, a criança fica angustiada ao saber que caso se apossar do conteúdo da mãe poderá perdê-la, mas essa ansiedade é dominada e convertida em sentimento de culpa pela confiança de que essa mãe poderá ser reparada em algum momento. A presença confiável de uma mãe que se permite ser reparada, liberta a vida instintual do bebê, possibilitando ao bebê a tornar-se cada vez mais audacioso na vivência de suas pulsões do id, a culpa permanece em potencial, só aparecendo se a oportunidade de reparação não acontecer (Winnicott, 1988, p.89).

Rosa e Motta (2008) afirmam que a integração da criança e a capacidade de se preocupar com o outro e com o mundo que o rodeia são conquistas de um desenvolvimento árduo e significativo, sendo essas condições fundamentais para a moralidade e conseqüentemente para a convivência em sociedade. Visto isso, pode-se apontar o concernimento como primordial para a compreensão da tendência antissocial e da

delinquência, pois essas estão relacionadas a uma falha entre a interação da criança com o ambiente que o indivíduo sabe que ocorreu.

Winnicott estabelece o seguinte padrão:

- a) As coisas corriam bastante bem para a criança;
- b) Alguma coisa perturbou essa situação;
- c) A criança foi exigida além de sua capacidade (as defesas do ego desmoronam);
- d) A criança reorganizou-se com base em um novo modelo de defesa do ego, inferior em qualidade;
- e) A criança começa a ter esperança de novo e organiza atos antissociais na esperança de compelir a sociedade a retroceder com ela para a posição em que as coisas deram errado, e a reconhecer esse fato;
- f) Se isso for feito (seja por complacência ou diretamente numa entrevista psiquiátrica) então a criança pode retornar ao período que antecedeu o momento de privação e redescobrir o objeto bom e o bom ambiente humano controlador que, por existir originalmente, tornou-se capaz de experimentar impulsos, inclusive os destrutivos (Winnicott, 1995, p.115).

Winnicott (1995) nos esclarece que a tendência antissocial não é apontada como um diagnóstico e pode ser encontrada também na criança que alcançou o desenvolvimento saudável, entretanto essa poderá evoluir para delinquência que segundo o autor se caracteriza como “parte de uma defesa antissocial organizada e está sobrecarregada de ganhos secundários e reações sociais que tornam difícil ao investigador atingir seu âmago” (Winnicott, 1995, p.127).

A partir do modelo teórico proposto pelo autor, os comportamentos antissociais seriam a expressão da criança de uma angústia cujo objetivo inconsciente é reivindicar ao ambiente o ressarcimento do cuidado que até então era percebido como bom e que se perdeu por um tempo maior do que as defesas egoicas da criança poderiam suportar. Entretanto, esses comportamentos, vistos como inconvenientes para os adultos, são na realidade uma expressão de que ainda há esperança de se recuperar a confiança no ambiente (Rosa, 2011,p.100).

O ambiente não ofereceu a sustentação (*holding*) que a criança precisava, não apenas o ato concreto de segurar a criança nos braços, mas sim o cuidado orientado pelas necessidades do bebê que interpreta o sentido de sustentar à medida que cria seus objetos (Winnicott, 1983b, p.45). Para Winnicott (1995) existem duas direções na tendência antissocial: A primeira direção pode ser compreendida pela busca do objeto, onde a criança busca o ambiente suficientemente bom que se perdeu através do furto e da mentira; a segunda direção é a destrutividade, representada pela agressividade e destruição que expressam as tentativas da criança de encontrar a estabilidade ambiental que emoldure a expressão de sua motilidade.

Na tendência antissocial, a criança que tem a compulsão de roubar não teria prazer em desfrutar das coisas roubadas, mas sim estaria às voltas com a busca do ambiente suficientemente bom perdido e o ato de roubar expressaria a esperança de encontrá-lo novamente, pois, o que mobilizaria a relação dela com o mundo seria a fantasia de tomar posse da mãe criada por ela e sob a qual ela tem direitos. A mãe propiciou a criatividade primária do bebê, deu a ele a ilusão de tê-la criado, pois se adaptou ativamente às suas manifestações e não permitiu que seus conflitos inconscientes interferissem demais na relação. Quando a criança rouba, tem a necessidade de reestabelecer sua relação com o mundo externo cuja base repousa em reencontrar essa pessoa que sustentou sua ilusão de onipotência, a tendência antissocial seria marcada por uma desilusão ativa súbita (Winnicott, 1982b, p.185-186).

A mentira pode ser compreendida como um desdobramento do roubo, pois a criança desconhece as forças que a compelem a praticar a ação, criando assim histórias para justificá-las dizendo por exemplo que não foi ele ou que o objeto lhe foi dado por algum colega (Winnicott, 1982b, p. 188).

Uma criança não pode dar a razão real (do roubo), porque o ignora, e o resultado poderá ser que, em vez de sentir uma culpa quase insuportável, em consequência de ser mal compreendida e censurada, sua pessoa se divida em duas partes, uma terrivelmente severa e outra possuída por impulsos maléficos. A criança deixa de sentir-se culpada, mas em vez disso, transforma-se no que as pessoas chamarão de mentirosa (Winnicott, 1982b, p. 188).

A outra direção da tendência antissocial é a destrutividade, a criança considerada agressiva estaria buscando a estabilidade ambiental que suportaria a manifestação de seus impulsos instintuais, “a busca de um suprimento ambiental que se perdeu, uma atitude humana que, uma vez que se possa confiar nela, dê liberdade ao indivíduo para se movimentar, agir e se excitar.” (Winnicott, 1995, p.132).

Como vimos, a agressividade está presente no bebê desde muito cedo, sendo necessária para seu processo de reconhecimento do mundo. Deve-se considerar que quando o indivíduo sente que “as forças cruéis ou destrutivas ameaçam dominar as forças de amor [...] uma das coisas que ele faz é por para fora o seu íntimo, [...] representar ele próprio o papel destrutivo e provocar seu controle por uma autoridade externa”(Winnicott, 1995, p.93-94). É importante frisar que ao permitir que a criança expresse sua destrutividade de forma segura, o adulto também possibilita a vivência da possibilidade de construir e reparar, ou seja, a criança pode experimentar a ambivalência em relação ao mesmo objeto.

A criança com comportamentos antissociais alcançou certa integração das raízes libidinais e agressivas, mas uma interferência do ambiente impediu a conclusão desse processo, as alterações no ambiente (na família e depois na sociedade) seriam uma tentativa de concluir esse processo. Sob essa perspectiva, na impossibilidade da integração da raiz erótica com a instintual, o impulso pode ser inibido ou pode ocorrer uma falsa fusão, como exemplo a erotização do movimento, onde o indivíduo somente se sente real, quando é destrutivo e cruel (Dias, 2000, p.16).

Se o ambiente, principalmente os pais, entendem o alerta e suprem o cuidado reclamado, o fluxo do processo de desenvolvimento retomará seu curso, caso contrário poderá se tornar um delinquente, a deformação da personalidade será cada vez maior e o indivíduo estará doente, ou seja, “...ou são dotadas de algo pessoal e estável quando ainda são suficientemente jovens para fazer uso disso em alguma medida, ou nos obrigarão mais tarde a fornecer-lhes estabilidade na forma do reformatório ou, como último recurso na cela de uma prisão...” (Winnicott, 1995, p.125).

Para o autor essa falha ambiental pode ser tratada por uma adaptação do adulto às necessidades da criança que permitam que ela retome sua confiança no ambiente. Essa adaptação pode ser realizada por pais atentos e cuidadosos no ambiente familiar e não necessariamente por profissionais como psicanalistas, psicólogos e psiquiatras. Entretanto quando esses profissionais recebem tais demandas, é de fundamental importância que os mesmos criem um ambiente humano confiável e estável por um período longo o suficiente que seja “favorável à retomada do desenvolvimento do indivíduo de modo que ele possa viver criativamente, de modo integrado e dar uma contribuição positiva à sociedade da qual faz parte”. (Dias & Loparic, 2008, p.54-55).

Finalmente, é importante frisar que o modelo teórico proposto por Winnicott para a compreensão da tendência antissocial e delinquência, apesar de entender o comportamento delituoso como um pedido de socorro não adota uma postura sentimentalista em relação ao crime, pelo contrário se opõe a ele ao passo que afirma que uma posição sentimentalista é uma ameaça no avanço da compreensão dos fenômenos inconscientes que estão envolvidos nessa prática. Para ele no sentimentalismo haveria ódio recalcado que um dia acabará por emergir, o crime desperta esse ódio através dos sentimentos de vingança pública que “redundaria em algo perigoso, se não fosse a lei e aqueles que têm por missão implementá-la”, a função da lei é proteger o criminoso contra esse desejo de vingança inconsciente (Winnicott, 1995, p.125). Assim, é importante destacar que o autor não propõe que o

criminoso seja visto somente como um doente, mas sim que os conflitos inconscientes que estão envolvidos nessa prática sejam considerados na compreensão da dinâmica psíquica desse sujeito.

Sendo assim, pode-se concluir que Winnicott privilegia a função da qualidade do cuidado como primordial na constituição moral do sujeito cuja base repousa na criatividade que possibilita o sujeito o reconhecimento da alteridade e posteriormente a capacidade de se preocupar com o outro. A mãe aparece como figura primordial nas diferentes etapas desse desenvolvimento, entretanto é importante destacar que o “pai” também está presente na obra winnicottiana que o aponta como integrante do ambiente suficientemente bom necessário para o desenvolvimento saudável. A partir desse ponto de vista, propõe-se discutir no próximo tópico qual(is) o(s) papel(éis) do pai nos diferentes estágios propostos pelo autor e qual sua relação com o desenvolvimento da moralidade pessoal da criança.

Capítulo 2 - O papel do pai no desenvolvimento da moralidade pessoal da criança.

Apesar de não ter elaborado uma teoria específica sobre o papel do pai, Winnicott reformulou alguns conceitos da psicanálise freudiana e acrescentou outros, buscando em sua teoria do amadurecimento pessoal destacar o papel que o pai ocupa nas diferentes etapas do desenvolvimento do sujeito (Rosa, 2009, p. 57). O autor enfatiza que o tipo de cuidado oferecido pelo pai à criança que, inicialmente é totalmente dependente do ambiente, variará de acordo o grau de maturidade alcançado, “antes de o pai surgir como um dos pólos do triângulo edípico, ele já está presente, de diferentes maneiras, na vida do bebê” (Rosa, 2009, p. 58).

Apesar da tradição freudiana, Winnicott parece ir mais longe, conduzindo-nos a pensar que muitas pessoas podem não chegar ao desenvolvimento emocional referente ao Complexo de Édipo – momento este no qual pode acontecer o recalque – fazendo-nos rever o sentido do pai e das falhas ambientais no desenvolvimento inicial dos pacientes bem como a possibilidade de não se alcançar um status de pessoa total. (FERREIRA & AIELLO-VAISBERG, 2006, p.138)

Nos primeiros meses de vida, no estágio descrito por Winnicott como de dependência absoluta, o bebê vive em uma relação dual com a mãe. Nesse momento, o bebê ainda não tem a capacidade de distinguir o externo daquilo que é interno, por isso mãe e bebê se constituem como uma só unidade (Rosa, 2009, p. 58). Winnicott (1999b) afirma que “a maternagem satisfatória inclui os pais, mas eles devem permitir o uso da palavra ‘maternal’ para descrever a atitude global em relação aos bebês e o cuidado a eles dispensado” (p.149). O cuidado materno é dirigido pela capacidade de identificação com aquele bebê específico, se devotando empaticamente às suas necessidades, podendo atendê-las de modo que ele sinta “uma continuidade na linha da sua vida e tenha uma experiência de confiabilidade” (Ribeiro, 2014, p. 113).

Todavia, nesse período a qualidade da presença do pai é fundamental para o desenvolvimento saudável do indivíduo, pois ele garante o sentimento da mãe de estar protegida e amparada. O pai é o ambiente facilitador que permite a “mãe a ser mãe” (Rosa, 2014, p. 26-27), sendo importante que garanta a proteção da mãe de quaisquer fatores que se coloquem como intervenientes no seu vínculo com o bebê (Winnicott, 1982e, p.18).

Todos esses aspectos garantem que o pai faça “parte do colo materno que o bebê recebe” (Rosa, 2014, p. 26), sendo decisivo assim “o lugar do pai na realidade psíquica da mãe” (Dethiville, 2014, p.94). Em outras palavras, é o pai que faz o “holding da mãe para que

esta possa dedicar-se a fazer o holding do bebê” (Martins, 2014, p.141), permitindo-a a se tornar” introvertida e egocêntrica por algum tempo” (Dethiville, 2014, p.97). Winnicott (1987, p.91 citado por Rosa, 2009) propõe que esse cuidado com a mãe é fundamental, tendo em vista que a mãe, assim como o bebê, encontra-se em um estado particular de desamparo, “poderíamos quase dizer que as pessoas que cuidam de um bebê são tão desamparadas em relação ao desamparo do bebê quanto o bebê o é. Talvez haja até mesmo um confronto de desamparos” (p.67).

O pai suficientemente bom também ajuda a mãe na tarefa do holding do bebê, atuando diretamente como mãe-substituta, esses cuidados envolvem, de acordo com Winnicott (1983b), uma provisão ambiental que garanta a satisfação de suas necessidades fisiológicas, lembrado que aqui essas não se diferenciam das necessidades psicológicas, incluindo “a técnica pela qual alguém mantém a criança aquecida, segura-a, balança-a e a chama pelo nome” (Winnicott, 2000c, p. 224), além é claro de promover a consistência ambiental garantida pela empatia do cuidador com o seu bebê. (Winnicott, 1983b, p. 48).

Para que o bebê tenha um desenvolvimento saudável, é necessário que essa unidade mãe-bebê não se mantenha, para isso a mãe deve desadaptar-se gradualmente do bebê permitindo-o desiludir-se pelo não atendimento imediato de suas necessidades, o objetivo desse movimento é possibilitar ao bebê que vivencie experiências de autonomia e diferenciação em relação à mãe, caracterizando o período de dependência relativa do bebê (Rosa, 2014, p. 28), nesse momento a contribuição do pai é essencial.

Nesse período é importante que o pai lembre a mãe que ela também é mulher, assim o movimento paterno deverá ser de convocar a mãe a retomar o seu papel como esposa (Rosa, 2014, p. 28), nesse sentido Winnicott (1999, p.100 citado por Rosa, 2014) afirma:

Eu espero que em última instância seja o pai quem intervenha e defenda sua esposa. Ele também tem direitos. Não só quer ver sua esposa recuperar a uma existência independente, mas também quer estar apto a ter sua esposa para si, mesmo que em certos momentos isso signifique a exclusão da criança (p. 28).

De acordo com o psicanalista inglês, “uma criança é realmente sensível às relações entre seus pais” (Winnicott, 1982c, p.129). Assim, é importante considerar que o papel do pai de retomar a esposa para si implica na satisfação sexual da mãe, pois “a própria maternidade da mulher também está assentada e ganha potência na masculinidade do marido” (Rosa, 2009, p. 70). No texto “E o pai?”, de 1945, Winnicott acrescenta:

A união sexual de pai e mãe fornece um fato concreto em torno do qual a criança poderá construir uma fantasia, uma rocha a que ela se pode agarrar e contra a qual poderá desferir seus golpes, e,

além disso, fornece parte dos alicerces naturais para uma solução pessoal do problema das relações triangulares (Winnicott, 1982c, p.129).

Ainda nesta mesma linha, o autor aponta que como consequência da desadaptação da mãe, o bebê começa a localizar que sua mãe delicada, doce e suave, também possui aspectos rígidos e de ordem, os primeiros ficarão sempre associados à mãe, enquanto os segundos serão gradualmente reunidos à figura do pai (Winnicott, 1982c, p.129). Portanto, é no “tocante da duplicação do papel materno que o paterno irá se esboçar”, sob essa lógica é possível afirmar que, assim como o bebê criou o seio da mãe, ele criará a partir dessas características o pai como objeto subjetivo que abrirá espaço para o encontro com o pai objetivamente percebido (Rosa, 2014, p. 29-30).

Ou seja, ao se iniciar a desadaptação materna, o colo da mãe começa a se diferenciar e ficar pontilhado de características paternas desconhecidas. Elas trazem e anunciam para o bebê o início do contato com o mundo externo do qual o pai, como tal, um dia fará parte. Aos poucos, a criança terá condições de discriminar essas diversas características da mãe e dos cuidados maternos e as atribuirá, mais adiante, a figura do pai (Rosa, 2014, p. 29).

Essas conquistas permitem que o bebê caminhe em direção a sua integração enquanto unidade diferenciada da mãe à medida que são atribuídas ao pai às características diferenciadas dos cuidados maternos, ademais o mesmo nunca esteve misturado ao bebê como a mãe, sendo percebido assim como a primeira configuração de pessoa total (Rosa, 2014, p. 30). Enfim, o pai será necessário “por causa de suas qualidades positivas e das coisas que os distingue de outros homens, bem como da vivacidade de que se reveste sua personalidade” (Winnicott, 1982c, p. 130).

Seguindo a lógica do pensamento winnicotiano, Loparic (2014) acrescenta que o bebê, apesar do apoio à integração realizado pelo holding, tem a mãe como um objeto parcial, ou seja, o seio; já o pai aparece como primeiro vislumbre de unidade, de pessoa total e será usado como esquema ou esboço² para sua própria integração.

O pai vale por ser alguém que existe de modo a pode ser usado como referencial no processo de criação, pelo seu filho ou filha, de identidade pessoal própria, uso que, nessa fase do processo, resultará tanto na capacidade de ser um EU como na concepção de si mesmo como unidade (Loparic, 2014, p.78).

² Esse esboço refere-se a elaboração imaginativa e não a um modelo objetivamente percebido, “compreender o seu próprio corpo significa possibilitar a sua presença como esse ou aquele modo fatural de se ocupar das coisas e de cuidar de outros seres humanos, com base em certos esquemas constitutivos do mundo. Tanto a compreensão do sentido das coisas quanto a do sentido do próprio corpo e, por extensão, do si-mesmo, admitem uma interpretação e uma articulação posteriores, sem que seja preciso, para tanto, recorrer a qualquer sistema de signos ou de símbolos”. (Loparic, 2000, p. 372)

O bebê somente alcançará certo grau de integração do ego no estágio seguinte ao descrito anteriormente. No estágio do concernimento, cuja duração será maior, o bebê, gradativamente, será apto a ampliar sua experiência de relação com o mundo, os objetos tenderão a serem percebidos como externos ao seu controle onipotente. Nesse momento o pai, enquanto pessoa inteira será reconhecido objetivamente pela criança (cf. Winnicott, 2000a).

A criança entenderá que o exercício dos seus impulsos amorosos primitivos também pode ferir o objeto amado, a mãe que é devorada é a mesma mãe que apazigua, e é exatamente nessas experiências de ambivalência em relação ao mesmo objeto que nasce a capacidade de envolvimento e o sentimento de culpa. Inerente a essa fase, surge à possibilidade de exercício de sua destrutividade e conseqüentemente de reparação. A criança precisa experimentar sua impulsividade instintual e ainda assim vivenciar a possibilidade de reparar o objeto destruído, a mãe (Rosa, 2014, p.32).

É preciso que alguém a proteja dessa excitação real ou fantasística, esse papel ativo caberá ao pai, que permite que a criança possa arriscar mais na experimentação completa de sua instintualidade, reduzindo assim o temor de que possa destruir a mãe. Entretanto é preciso salientar que “o pai ainda não opera como um interventor, no sentido que é próprio à etapa edípica. Ele intervém no uso impulsivo ou exagerado que a criança faz da mãe, e isso funciona como proteção” (Rosa, 2009, p.78).

Ao se colocar nessa posição, o pai possibilita que a mãe tenha condições de sustentar a situação no tempo até o momento que a criança encontre recursos para repará-la dos danos causados e “entre no círculo benigno”, cuja aquisição remete a capacidade de envolvimento com o outro e abre portas para o sentimento de culpa que são as bases da moralidade pessoal (Rosa, 2014, p.32). O pai “é absolutamente necessário para proteger a mãe”, pois se o bebê não experimentar a potência de sua destrutividade, “tenderá a se tornar inibido e perderá a capacidade para o amor excitado” (Winnicott, 1988, p.89).

É importante lembrar que essa impulsividade está relacionada à descoberta da criatividade e da possibilidade de relação com a alteridade. Em outras palavras “a atividade social não pode ser satisfatória a não ser quando se baseia em um sentimento de culpa pessoal a respeito da agressividade” (Winnicott, 2000a, p. 291). Nesse sentido, o pai é uma peça chave para que o sentido de família, ampliando-se posteriormente para o de sociedade, vá sendo implantado na criança, segundo Winnicott (1999a) “o pai pode estar ausente ou muito em evidência, e tais detalhes fazem uma diferença enorme no significado da palavra ‘família’ para a criança específica da qual estamos falando” (p.126).

Essas premissas apontam para a inserção da criança na realidade socialmente compartilhada que nesse sentido, se dá através de um processo gradual que têm seu início marcado pela ilusão de onipotência e caminha em direção à percepção objetiva dos objetos externos que, por terem sido apropriados criativamente pelo bebê, sempre serão também subjetivos, pois o mundo foi construído espontaneamente pela criança graças a um ambiente onde houve holding. Assim como a mãe, apoiada pelo pai, sustentou o filho e foi sensível aos seus gestos, considerando-os de alguma forma como contribuições para a sociedade, a criança confiará que poderá levar à cultura suas contribuições pessoais singulares e próprias, pois serão também acolhidas pela cultura como uma contribuição enriquecedora. A criança foi reconhecida pelos pais e através da sua capacidade de se envolver, advém espontaneamente à vontade de retribuir a devoção e o amor dos pais (Martins, 2014, p. 143-146).

É fundamentalmente mais eficaz para o desenvolvimento da moralidade que a criança ame o seu pai e o tenha como modelo para a função de identificação, do que um pai que apenas impõe as “normas e regulamentos, permissões e proibições” (Winnicott, 1982c, p.128-129).

A educação moral não é substituta para amor. De início o amor, só pode ser efetivamente expresso em termos de cuidado com o lactante e com a criança, o que para nós significa prover um ambiente favorável ou suficientemente bom, o que significa para o lactante a oportunidade de evoluir de forma pessoal de acordo com a gradação contínua do processo de maturação [...] Há mais para se ganhar do amor do que da educação. Amor aqui significa a totalidade do cuidado com o lactante ou criança, que favorece o processo maturativo. Isto inclui ódio. Educação significa sanções e implantação de valores sociais ou dos pais a parte do crescimento e amadurecimento próprios da criança (Winnicott, 1983a, p.92-94).

O amor será assim a base na qual se assentará a construção da vida moral da pessoa, para isso é preciso que a criança se sinta amada, um amor que não pode ser colocado em dúvida e que sobreviva a todas as interferências, sendo importante destacar a percepção da existência do amor ambivalente, mas nunca inexistente. A confiança no amor do pai será um aspecto decisivo no desenvolvimento da autoconfiança da criança diante do mundo (Martins, 2014, p. 153).

O autor utiliza o conceito de “crença em...” para definir a possibilidade de “alguém fazer a criança acreditar naquilo que nós, nesta família e nesta porção de sociedade, e atualmente, acreditamos.” (Winnicott, 1983a, p.92-94). Do mesmo modo repousa a ideia da crença em Deus, “o homem continua a criar e recriar Deus como um local para colocar o que é bom nele mesmo, e que ele poderia estragar se o mantivesse junto com todo ódio e destrutividade que se acham nele”. (Winnicott, 1983a, p.89).

A civilização começou de novo dentro de mais um ser humano, e os pais deveriam ter um código moral à espera do filho para quando ele, mais tarde, começar a procurar algum. Uma função

pertinente a essa atitude será humanizar a própria moralidade exaltada, mas imperfeita, da criança, sua aversão à obediência, às custas de um modo de vida pessoal. É bom que essa moralidade exaltada seja humanizada, mas não deve ser eliminada – como poderá ser por pais que compreensivelmente deem um demasiado valor à paz e tranquilidade. A obediência acarreta compensações imediatas e os adultos incorrem muito facilmente no erro de confundir obediência com crescimento (Winnicott, 1982a, p.109).

A ideia de Deus seria análoga ao papel do pai real de cuidar do “pequeno EU SOU e da sua própria individualidade e, em seguida, autorizar e apoiar as agressões e, terceiro, para punir as agressões não permitidas” (Loparic, 2014, p.83). Em contrapartida, a religião seria a organização de valores morais externos ao indivíduo a serem repassados para a criança, mas sua eficácia estará condicionada ao processo natural de desenvolvimento, onde a criança já deve ter experimentado e criado dentro de si aspectos de bondade e de certo e errado (Winnicott, 1983a, p.89).

Entretanto o autor não desconsidera a importância de apresentar a criança um código moral, pois segundo ele a moralidade inata da criança tem uma característica “crua” que geram receios que precisam ser humanizados (Winnicott, 1983a, p.95).

A criança sofre com o receio da retaliação. A criança pode morder durante uma experiência excitante de relacionamento com o objeto bom, com o que o objeto passa a ser sentido como algo que morde. A criança tem prazer em uma orgia excretória em que o mundo se enche de água que afoga, e sujeira que pode soterrá-la. Esses crus receios se tornam humanizados principalmente pelas experiências da criança com seus pais, que desaprovam e ficam brabos mas não mordem, afogam ou queimam a criança como retaliação ligada exatamente ao impulso ou a fantasia da criança humanizados (Winnicott, 1983a, p.95).

Em face dessas colocações, pode-se concluir que o surgimento da moralidade pessoal na criança esta localizada antes do período das relações triangulares e se relaciona com a capacidade de envolvimento que foi uma grande conquista do estágio do concernimento, mas que principalmente foi o resultado de um complexo processo de desenvolvimento que somente foi possível pela condição de que pai e a mãe juntos, cada um com seu papel, formaram um ambiente suficientemente bom. Assim, “na psicanálise winnicottiana, quando a lei paterna vem desempenhar seu papel no período edípico, ela já é, por assim dizer, um segundo momento, de cunho mais instrumentalizador e normativo das regras sociais” (Rosa, 2009, p.91).

Capítulo 3 - As falhas do pai na tendência antissocial: A atuação destrutiva como resposta à privação paterna.

Como se pode observar nos capítulos anteriores, Winnicott evidencia a importância da provisão ambiental adequada durante o desenvolvimento da criança e aponta que o tipo de deficiência por parte do ambiente em facilitar alguma tarefa do desenvolvimento e o estágio de desenvolvimento psíquico no qual a criança se encontrava no momento da falha estão diretamente relacionadas à gênese dos mais diversos distúrbios emocionais (Rosa, 2014, p.39). Assim, esse capítulo terá como proposta identificar quais são as falhas do cuidado paterno que, sob a perspectiva do autor, contribuem para o advento da destrutividade presente na tendência antissocial, utilizando como *background* aspectos da infância do personagem Kevin do suspense *Precisamos falar sobre o Kevin*, escrito pela autora norte-americana Lionel Shriver.

O livro lançado em 2007 conta a história de Kevin, um adolescente americano, que aos 16 anos é autor de um assassinato em série que mata sete colegas, uma professora, um funcionário, sua irmã caçula e o pai. O romance é narrado em primeira pessoa pela mãe, Eva Khatchadourian, que através de cartas escritas ao marido morto remontam a história de Kevin na tentativa de compreender o que levou o filho a cometer tamanha barbárie.

Winnicott (1982c) aponta para a importância de que os pais compartilhem diariamente cada detalhe no desenvolvimento da criança, até mesmo os que “parecem idiotas para os que vêm o problema de fora, mas que revestem de uma tremenda importância tanto para os pais, como para as crianças” (p. 127). Entretanto, o título do livro denuncia imediatamente algo na estrutura familiar dos Khatchadourian e que pode ser observado durante toda a trama: a mãe de Kevin precisa falar sobre o que observava no filho, entretanto o pai, Franklin se negava a observar e reconhecer os aspectos mortíferos demonstrados pelo garoto em sua relação com o outro.

Portanto, as cartas carregadas de culpa dirigidas ao marido podem ser vistas como a última tentativa de clamar pela contribuição efetiva do pai em reconhecer e atender as necessidades reais do filho e em apoiar a mulher nas dificuldades vividas em sua maternidade, em um trecho do livro Eva diz:

Uma das coisas que me impelem a escrever é o fato de ter a cabeça entulhada com todas as histórias que nunca te contei. Não pense que eu acalentava meus segredos. Eles me encurralavam, me pressionaram e, tempos atrás, tudo que eu queria fazer era me abrir com você. Mas, Franklin, você não queria ouvir (Shriver, 2007, p. 22)

Eva era descendente de armênios e a principal executiva de uma empresa de guia de turismo, bem sucedida profissionalmente, não muito afetiva e feliz no casamento, ficando evidente que a maternidade não se encaixava em sua vida agitada. Franklin era machista, adepto do trabalho duro, mas não plenamente realizado em sua profissão, valorizava o simples fato de estar vivo e amava as pessoas, emotivo, mas que não expressava a emoção pela fala, tinha uma “compulsão por encaixar à força experiências indisciplinadas e disformes numa caixinha bem organizada” (Shriver, 2007, p.22). Tanto Eva como o marido adiam a decisão de terem um filho, sendo que a primeira listava vários motivos para não se render a maternidade, entretanto decide fazê-lo aos 37 anos, pois acreditava que Franklin era infeliz por não ser pai.

Eva durante a gestação tem dificuldades em aceitar a própria maternidade e sente-se ambivalente em relação à decisão, fato que se estende aos primeiros meses de vida do filho. A identificação e devoção a esse bebê eram insuportáveis para a mãe que se incomodava em sentir-se “dispensável, jogada fora, engolida por um grande projeto biológico que não iniciei nem escolhi, que me produziu, mas que também iria me mastigar e depois cuspir fora” (Shriver, 2007, p.67). Em seu texto de 1956 sobre a preocupação materna primária, Winnicott diz que algumas mães:

Não têm a capacidade de contrair essa “doença normal” que lhes possibilitaria a adaptação sensível e delicada às necessidades do bebê já nos primeiros momentos [...] Tais mulheres não conseguem preocupar-se com seu bebê a ponto de excluírem quaisquer outros interesses, de maneira normal e temporária (Winnicott, 2000b, p. 401-402).

O pai em contrapartida recebe a notícia com muita alegria, entretanto adota uma postura rígida e de cuidados excessivos com a gravidez da esposa. Chama-nos atenção parte do texto onde Franklin repreende Eva por estar dançando pela casa justificando-se através da explanação acerca do alto índice de mortalidade infantil e materna. Eva rapidamente retruca: “E você lá está se importando com a mortalidade materna? Contanto que eles consigam tirar o guri do meu corpo inerte enquanto o coração ainda bate, você vai ficar feliz feito um passarinho” (Shriver, 2007, p.81).

Pode-se perceber que o marido dirigia suas preocupações especificamente ao filho, não se preocupando assim com o acolhimento das angústias de Eva, ou seja, desde a gravidez Franklin não estava desempenhando um papel do pai essencial segundo a teoria winnicottiana, *o holding da mãe* que inclui a tarefa de ajudar “a mãe a sentir-se bem com seu corpo e feliz em seu espírito” (Winnicott, 1982c, p. 129).

Eva tem um parto difícil, resiste o tempo todo em expelir o corpo estranho que carregava dentro de si. Kevin rejeita o colo materno ao nascer e não aceita ser amamentado, a

expressão do filho é lida pela mãe como de nojo e desagradado. A mãe entrega o filho ao pai, o bebê se aninha em seu colo como se “tivesse encontrado o verdadeiro protetor” (Shriver, 2007, p.102). Durante o puerpério, Eva é diagnosticada com depressão pós-parto e o pai assume o papel de mãe-substituta dedicando-se aos cuidados diretos da criança durante poucos dias, entretanto rapidamente retoma sua rotina, assumindo as tarefas do cuidado somente no tempo que estava em casa.

Eva se dedicava 24 horas ao filho que chorava incessantemente, não mamava, não dormia. A mãe estava exaurida, “comendo mal, dormindo mal e tomando banho a cada três dias, não via ninguém e raramente saía”. (Shriver, 2007, p.115). Segundo Winnicott, o pai deve intervir nessa relação não somente ajudando a mãe na tarefa do cuidado direto, mas também protegendo “a mãe e o bebê de tudo o que pretenda interferir no vínculo entre ambos” (Winnicott, 1982e, p.18).

Pode-se afirmar que nesse contexto, a fragilidade da saúde psíquica e física de Eva se colocava como uma variável interveniente na unidade mãe-bebê. O incômodo da mãe em relação ao filho somente se intensifica com o passar do tempo e a debilidade física é denunciada quando é acometida por uma inflamação das glândulas mamárias, Eva é hospitalizada por três dias e nesse período o pai decide por contratar uma babá, Siobhan, que se mostra admirada pelo trabalho de Eva e muito devotada aos patrões.

Segundo Winnicott (1995) o comportamento da criança autoritário e dominador que compele os pais a agirem com submissão está relacionado à tendência antissocial e não pode ser confundido com a onipotência experimentada pelo bebê em fantasia que, na saúde, precisa ser sustentada pela mãe durante os primeiros meses. Já na primeira infância Kevin não brinca, destrói objetos, manipula situações, demora a falar, andar e a abandonar o uso de fraldas. O valor do incômodo já está posto, não seriam esses também sinais da presença da deprivação presente na tendência antissocial? Para este trabalho, levanta-se a hipótese que sim e se pretende destacar a direção da destrutividade expressa nos comportamentos antissociais de Kevin.

Como exposto no capítulo 1, Winnicott indica que na brincadeira pode-se perceber que normalmente a criança quando derruba as torres de blocos somente o faz, pois existe uma atmosfera de construção que o possibilita ser “destrutiva sem que se sinta desesperada”(Winnicott, 1995,p.90). É a experiência da potência de sua destrutividade que permite a criança construir e como efeito a capacidade de “colocar-se na situação das outras pessoas e identificar-se com pessoas e objetos externos” (Winnicott, 1995, p.99).

A destrutividade é inerente à natureza humana e está vinculada a capacidade de uso do objeto. Inicialmente o bebê se relaciona os objetos, pois são obras criadas através de suas projeções e identificações, garantindo que façam parte do seu si-mesmo, “o bebê cria o objeto, mas o objeto ali estava, à espera de ser criado e de se tornar um objeto catexizado” (Winnicott, 1975, p.124).

Entretanto à medida que vai amadurecendo é necessário que o bebê migre da relação de objeto para o uso do objeto cuja principal aquisição é conferir a ele natureza própria, separada do seu si-mesmo. Winnicott acrescenta: “o relacionamento pode ser descrito em função do sujeito individual e o uso não pode ser descrito, a não ser em sua aceitação da existência independente do objeto, a sua propriedade de estar sempre ali” (Winnicott, 1975, p.124).

Não obstante, o objeto deixa de ser interno, controlado onipotentemente, subjetivo e passa a ser externo, ter realidade própria e objetiva. O objeto fruto das projeções é destruído³, entretanto o objeto real sobrevive a essa destruição e continua ali, presente, sem mudar. “O sujeito diz ao objeto: ‘Eu te destruí’ e o objeto ali está para receber a comunicação. Daí por diante, o sujeito diz: ‘Eu te destruí. Eu te amo’. Tua sobrevivência à destruição confere valor à tua existência”. O objeto externo que sobreviveu à destruição será para sempre também um objeto subjetivo, pois foi criado pelo bebê, localizando-se em uma posição intermediária entre aquilo que é objetivo e o que é subjetivo (Winnicott, 1975, p.124-126).

O amor ao objeto que sobrevive à destruição: trata-se agora do sentimento de um eu, dirigido para outro, como pessoa inteira e separada [...] Disto se conclui que tanto a realidade objetiva quanto o amor dependem de haver sempre destruição[...] Essa destruição torna-se pano de fundo inconsciente para o amor a um objeto real, isto é, para um objeto situado fora da área do controle onipotente do sujeito. (Dias, 2000, p.8)

Na relação mãe-bebê é importante que a mãe sobreviva às destruições sem se deixar retaliar. Como vimos no capítulo 2, nesse momento é importante que o pai proteja a mãe para que a criança exercite sua destrutividade, Franklin não desempenhava esse papel, dizia a Eva que o filho era apenas uma criança e que tudo melhoraria com o tempo.

É uma característica essencial para se considerar a existência da tendência antissocial que o comportamento destrutivo se apresente no estágio em que bebê tenha atingido um grau de maturidade onde perceba que a causa é externa a ele, ou seja, que o responsável é o ambiente (Winnicott, 1995, p. 135). Entretanto, partindo das considerações apresentadas, algumas questões podem ser formuladas: Kevin já não chega ao estágio do concernimento

³ “A palavra destruição é necessária, não por causa do impulso do bebê a destruir, mas devido à suscetibilidade do objeto a não sobreviver, o que também significa sofrer mudança de qualidade, de atitude.” (Winnicott, 1975, p.129).

com algum grau de privação? A separação entre o eu e o outro teria sido alcançada às custas de um falso self? Não houve a possibilidade de construção da área intermediária de relação entre o eu e o outro que garante que parte do objeto externo continue sendo interno?

Eva diz: “confiava em Siobhan porque não estava confiando no meu marido” (Shriver, 2007, p.121), apoiada pela babá a mãe retoma suas atividades de trabalho e tem a possibilidade de receber a ajuda de Siobhan que além de assumir os cuidados de Kevin, acolhe as angústias da mãe. Durante um ano e meio a babá suporta os ataques agressivos e desafiadores de Kevin, seu choro e birra, mas com o passar do tempo começa a faltar no trabalho por motivos de doença até pedir formalmente sua demissão.

Eva se irrita com a demissão da babá e culpa o filho: “Qual o problema com você, seu merdinha? Está satisfeito agora que arruinou a vida da mamãe?” (Shriver, 2007, p.128). Ao se deparar com a cena, Frankilin diz a esposa: “Fique longe dele até botar a cabeça no lugar. Ou pular de uma ponte. O que vier primeiro” (Shriver, 2007, p.129). Alguns meses depois, o marido concorda com uma viagem de Eva para finalizar um projeto de trabalho. A mãe se incomoda com a ausência do filho, sente-se culpada por tê-lo deixado para tratar de seus interesses pessoais e durante o voo conclui que o filho vinha resistindo a ela, mas que a recíproca também era verdadeira. Após essa reflexão, Eva opta por se render à maternidade.

Eu tinha que engravidar de Kevin outra vez. Assim como seu nascimento, criar nosso filho poderia ser uma experiência inspiradora, mas só se eu parasse de lutar contra ela. Como repeti durante anos para Kevin (sem qualquer resultado), raramente, por si só, o alvo de nossas atenções é ríspido ou arrebatador. Nada é interessante se você não estiver interessado. Em vão, eu vinha esperando de braços cruzados que Kevin me provasse, me demonstrasse ser digno do meu ardor. (Shriver, 2007, p.145)

Entretanto, em uma cena do livro pode-se perceber o quanto Eva, com o passar do tempo, não sobrevive aos impulsos destrutivos do filho. Ela decora um quarto da casa com alguns mapas e o apresenta para o filho dizendo que “todo mundo gosta de tornar o próprio quarto especial. A mamãe já esteve em um monte de lugares diferentes e todos esses mapas me lembram das viagens que fiz”. Entretanto o filho responde: “Esses quadradinhos aí são bestas”. A mãe tenta por algum tempo explicar para o filho que o quarto representava uma parte sua e que era importante para ela, sai para atender ao telefone e quando volta se depara com o quarto coberto com tinta e seus mapas rabiscados por Kevin. A mãe furiosa reage à agressão, joga a arma de tinta usada por Kevin no chão e a destrói por completo (Shriver, 2007, p.186-189).

Nesse momento, defende-se a ideia de que até certo ponto o trabalho de Eva e até mesmo a babá exerceram a função que se esperava do pai de protegê-la da destrutividade do filho, entretanto com a demissão da empregada e com sua saída do emprego, a mãe se vê

totalmente desprotegida. Considera-se que houve uma privação e o sentimento de culpa foi comprometido ou até mesmo não alcançado. A destrutividade não foi inibida ou integrada, mas sim atuada compulsivamente através de seus atos antissociais. Kevin sente que o ambiente tem um débito com ele, o contrário do que se espera no desenvolvimento do sentimento de envolvimento, ou seja, que a destruição seja elaborada por via da reparação, pela necessidade do sujeito de contribuir, pois está em débito com o ambiente que o reconheceu (Rosa, 2011, p.91-92).

Kevin reconhece a ausência de um ambiente estável e seguro que o impedisse de perder o controle, “uma autoridade confiante, dentro de cujos limites certo grau de maldade pode ser dramatizado e usufruído sem perigo” (Winnicott, 1995, p. 95), ou seja, o pai que “protegerá a mãe de seus ataques contra ela, ataques realizados no exercício do seu amor primitivo” (Winnicott, 1995, p. 122). Assim, quando se depara com uma situação estruturada que se coloca entre ele e a mãe, reacende a esperança em algo que possa resgatar essa moldura outrora perdida, a criança reage testando o ambiente para verificar se ele pode realmente tolerar o incômodo provocado por suas reações (Winnicott, 1995, p. 136).

Eva diz que na opinião do marido quando Kevin destrói os mapas estaria tentando ajudar a mãe e o revólver de tinta é substituído por outro (Shriver, 2007, p.217). Kevin frente às reações de proteção age com o pai de forma estereotipada e pouco espontânea, respondendo exatamente ao ideal criado por Frankilin. Em uma cena o pai de uma criança vizinha dos Khatchadourian diz a Frankilin que Kevin havia alterado a posição de um acessório da bicicleta do seu filho de forma que a roda se soltou e o filho por pouco não sofreu um acidente grave. O vizinho argumenta com Frankilin sobre as evidências, o pai se irrita, nega e diz a esposa: “Uma criança não pode mais arranhar o joelho sem que seja culpa de alguém” (Shriver, 2007, p.243). A necessidade do filho demonstrada em momentos de esperança não é reconhecida pelo pai, Franklin expressava uma certa adoração por tudo que a criança fazia, naturalizando e recusando a destrutividade intencional presente numa sequência de eventos onde objetos eram destruídos, crianças eram feridas e Kevin apontado como culpado.

É importante destacar que no cuidado dos filhos, os pais devem ser adaptativos e não criativos, ou seja, se identifiquem ao filho a ponto de perceberem e atenderem às necessidades mais sutis à medida que elas se apresentam (Winnicott, 1999c, p. 38). Contudo, alguns pais se identificam com os filhos em experiências não vividas ou não suficientemente elaboradas por não contarem com um ambiente suficientemente bom que os apoiassem, o que impede de que sejam efetivos no manejo de situações semelhantes vividas pelo filho (Serralha, 2014, p.218).

Os pais de Frankilin possuíam um lema “Os materiais são tudo” (Shriver, 2007, p.164), Eva os descreve: “Eles são ótimos com a mecânica da vida, sabem como encaixar as rodas dentadas, mas no fundo estão fazendo a engenhoca pela engenhoca” (Shriver, 2007, p.164). Eram metódicos, pouco afetivos, se encantavam com a estética e com os processos que estavam envolvidos nas tarefas.

Para finalizar, tendo em vista os aspectos apresentados, é possível levantar algumas reflexões: Poderia o pai estar cuidando do filho a partir de suas necessidades e não das do filho? A agressividade de Kevin teria despertado no pai elementos de uma angústia impensável vivida em tempos não verbais em sua própria infância? Seria a agressividade um elemento não elaborado por Frankilin? É importante destacar que os assassinatos, incluindo o do pai, foram cometidos depois que Frankilin decide se separar de Eva e assumir a guarda de Kevin (Shriver, 2007, p.403-404), a subserviência do pai e o excesso de expectativas teriam sido vividas como uma intrusão que contribuíram para o cometimento de tamanha barbárie?

Considerações Finais

Nesse trabalho, através de levantamento bibliográfico e análise de textos do psicanalista inglês Donald Woods Winnicott e seus seguidores, buscou-se estabelecer um paralelo entre a destrutividade presente na tendência antissocial e a privação paterna, utilizando como recurso adicional análise do livro *Precisamos falar sobre o Kevin*.

Sob a perspectiva da bibliografia consultada, foi observado que todo ser humano nasce com uma tendência inata para o desenvolvimento que deve ser facilitado pelas diferentes funções de cuidado orientado pelo *holding* que os adultos exercem ao longo das etapas de vida da criança, logo, a aquisição da moralidade seria o resultado de um desenvolvimento pessoal saudável e estaria vinculada à agressividade que é inerente a criatividade que envolve a descoberta da alteridade.

Assim, desde muito cedo é necessário que o bebê tenha a possibilidade de vivenciar experiências de controle onipotente do objeto e livre exercício de sua impulsividade. Entretanto, à medida que a criança se desenvolve, algumas frustrações devem existir, mas sua tolerância será apoiada por objetos transicionais que permitirão o desenvolvimento em direção à percepção objetiva dos objetos que será adquirida no estágio do concernimento. Nesse estágio a experiência erótica e agressiva são fundidas, mãe-ambiente e mãe-objeto são combinadas, a sobrevivência do objeto viabiliza a possibilidade de reparação que permite a criança desenvolver a capacidade de se envolver e conseqüentemente de sentir culpa, bases para a possibilidade de aquisição dos códigos morais e para se conviver em sociedade.

Porém, durante esse percurso a criança pode reconhecer que o ambiente deixou de oferecer o cuidado, que era até então percebido como bom, por um tempo maior que suas defesas do ego poderiam resistir, havendo então uma privação. Na tentativa de recuperar a confiança no ambiente, ela se verá compelida a exigir que o débito seja ressarcido através de comportamentos antissociais. Assim, se o ambiente reconhece a falha e se reorganiza, a criança pode se desenvolver de forma saudável, caso contrário, poderá haver ganhos secundários e a instauração da delinquência.

Existem duas direções na tendência antissocial: o furto e a destrutividade. A primeira direção estaria relacionada à busca pelo objeto perdido e outrora criado, ou seja, a mãe que sustentou sua ilusão de onipotência e sob a qual a criança entende que tem plenos direitos. Todavia, para esse trabalho buscou-se privilegiar a compreensão da direção da destrutividade

que se relaciona a deprivação da função do cuidado paterno de emoldurar a agressividade da criança.

Na obra winnicottiana, o pai aparece como parte do ambiente suficientemente bom, seu cuidado é demandado de diferentes formas e suas falhas podem resultar em comprometimentos ao processo de maturação da criança cuja natureza variará de acordo com o estágio do desenvolvimento em que ocorreu. Apesar de Winnicott destacar que a falha do ambiente na tendência antissocial ocorreria em um momento em que a criança já reconhece o objeto como externo e fora do seu controle onipotente, durante a revisão bibliográfica, percebeu-se que algumas crianças podem chegar ao estágio do concernimento com algum grau de deprivação no exercício de sua destrutividade, o que aponta para uma falha paterna que pode ser anterior a esse estágio.

A fim de exemplificar tal proposta, usou-se como exemplo aspectos da infância do personagem Kevin do suspense *Precisamos falar sobre o Kevin* (2007) escrito pela autora norte-americana Lionel Shriver. Considera-se que o pai, ao não dar contorno e limites aos ataques instintivos do bebê a mãe, pode comprometer a capacidade da criança de perceber o objeto como externo e com realidade própria e além do mais, a não sobrevivência do objeto real à destruição do objeto fruto de projeções pode impactar na construção da área intermediária de relação entre o eu e o outro que garante que parte do objeto externo continue sendo interno, ou seja, o amor a um objeto real e externo.

No estágio do concernimento, a falha do pai estaria relacionada à destrutividade da tendência antissocial que expressaria a tentativa da criança de reivindicar a estabilidade ambiental perdida, pois, o pai ao proteger a mãe dos exageros do amor impulsivo da criança, garante o exercício da destrutividade que é inerente à natureza humana e esta diretamente relacionada à criatividade que envolve a atividade social. No curso do desenvolvimento, quando a criança é reconhecida pelos pais em suas necessidades à medida que elas se apresentam, incluindo a de instauração de limites firmes, ela reconhece que possui um débito e surge a vontade de retribuir ao amor dos pais. Entretanto, quando a criança percebe que não houve reconhecimento pelo pai, é o ambiente que tem um débito com ela, sua capacidade de envolvimento pode ser comprometida, o sentimento de culpa pode não ser alcançado e a destrutividade atuada compulsivamente através de atos antissociais (Rosa, 2011, p.91-92).

Esse trabalho teve como proposta promover a ampliação dos horizontes de investigação da relação entre paternidade e destrutividade, tendo em vista a complexidade do tema não objetivou-se esgotá-lo, pois considera-se ainda ser possível explorá-lo em outros projetos. Assim, para finalizar, algumas perguntas emergem: De que forma o gênero do

cuidador se relaciona a efetividade do exercício das funções postuladas por Winnicott? Atualmente, essas funções e falhas ainda podem se aplicar aos pais e mães, tendo em vista a mobilidade dos papéis sociais e diversidade de configurações familiares?

Referências Bibliográficas⁴:

- Adorno, S.(2002). Crime e violência na sociedade brasileira contemporânea. *Jornal de Psicologia-PSI (Abril/Junho)*. Recuperado em 13 de Fevereiro de 2015 do Site do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo: www.nevusp.org.
- Barretta, J.P. F.(2012). A origem da moralidade em Freud e Winnicott. *Winnicott e-prints*,7(1). Recuperado em 10 de Junho de 2015, da Pepsic (Periódicos Eletrônicos de Psicologia): www.pepsic.bvsalud.org.
- Dethiville, L.(2014). O pai suficientemente simbólico. In: Rosa,C.D (Org), *E o pai? Uma abordagem winnicottiana* (pp. 93-106). São Paulo: DWW Editorial.
- Dias, E. O. (2000). Winnicott: agressividade e teoria do amadurecimento. *Natureza humana*,(2)1. Recuperado em 17 de março de 2015, da Pepsic (Periódicos Eletrônicos de Psicologia): www.pepsic.bvsalud.org.
- Dias, E. O. & Loparic, Z. (2008). O modelo de Winnicott de atendimento ao adolescente em conflito com a lei. *Winnicott e-prints* (2)3. Recuperado em 06 de Outubro de 2015, da Pepsic (Periódicos Eletrônicos de Psicologia): www.pepsic.bvsalud.org.
- Ferreira, M. C. & Atiello-Vaisberg, T. MJ (2009). “O pai suficientemente bom”: algumas considerações sobre o cuidado na psicanálise winnicottiana. *Mudanças-Psicologia da Saúde* (14)2, Recuperado em 20 Janeiro 2015, da Scielo (Scientific Electronic Library Online): www.scielo.org
- Freud, S. (1996a). Esboço de psicanálise. In: _____. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 23, pp. 153-221). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1940)
- _____. (1996b). O Ego e o Id. In: _____. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 19, pp. 13-83). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).

⁴ De acordo com o estilo APA – American Psychological Association

Guizzo Gomes da Silva, D. (2006). Análise cronológica dos textos de Winnicott sobre as origens da moralidade. *Winnicott e-prints (1)2*, Recuperado em 20 Janeiro 2015, da Pepsic (Periódicos Eletrônicos de Psicologia): www.pepsic.bvsalud.org.

Loparic, Z. (1996). “Winnicott: uma psicanálise não-edipiana”. *Rev. Percurso(9)17*

_____.(2000). O "animal humano". *Natureza humana (2)2*, Recuperado em 20 de maio de 2015, da da Pepsic (Periódicos Eletrônicos de Psicologia): www.pepsic.bvsalud.org.

_____.(2014). O pai e o monoteísmo em Winnicott. In: ROSA,C.D (Org), *E o pai? Uma abordagem winnicottiana*. (pp. 63-92) São Paulo: DWW Editorial

Martins, A.(2014). Reflexões sobre as funções do pai na inserção da criança na realidade partilhada a partir de Winnicott. In: ROSA,C.D (Org), *E o pai? Uma abordagem winnicottiana*. (pp.141-162). São Paulo: DWW Editorial

Martins Da Cruz, H.(2011). *Contribuições da Psicanálise ao estudo da delinquência*. Dissertação de Mestrado em Psicanálise – Instituto de psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Ribeiro, M.J.(2014). Considerações sobre o desenvolvimento excessivo da inteligência na criança e o papel do pai na dependência relativa. In: Rosa,C.D (Org), *E o pai? Uma abordagem winnicottiana* (pp. 107-126). São Paulo: DWW Editorial.

Rosa, C.D.(2009). O papel do pai no processo de amadurecimento em Winnicott. *Natureza humana., 11(2)*. Recuperado em 15 novembro 2014, da Pepsic (Periódicos Eletrônicos de Psicologia): www.pepsic.bvsalud.org.

_____. (2011).. *As falhas paternas em Winnicott*. Tese de Doutorado. Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

_____.(2014).O pai em Winnicott. In: Rosa,C.D (Org), *E o pai? Uma abordagem winnicottiana* (pp. 25-62). São Paulo: DWW Editorial.

Rosa, J.T., & Motta, I.F. (Orgs). (2008). *Violência e sofrimento de crianças e adolescentes na perspectiva winnicottiana* (2ª ed.). São Paulo: FAPESP.

Santos, E. S. (2011). Apontamentos sobre as angústias impensáveis em Winnicott. *Revista de Filosofia: Aurora* (23). Recuperado em 10 de abril de 2015, da PUCPR. Versão digital: www2.pucpr.br

Serralha, C. A.(2014). A criança agressiva e o pai. In: Rosa,C.D (Org), *E o pai? Uma abordagem winnicottiana* (pp.217-232). São Paulo: DWW Editorial.

Shriver, L (2007). Precisamos falar sobre o Kevin. Rio de Janeiro: Intrínseca.

Winnicott, D. W. (1975). O uso de um objeto e relacionamento através de identificações. In:_____. *O brincar e a realidade* (trad. J.O. de Aguiar Abreu e V.Nobre pp.121-131). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1969).

_____. (1982a). A moralidade inata do bebê. In:_____. *A criança e seu mundo* (6ª ed., A. Cabral, trad., pp. 104-109). Rio de Janeiro: LTC Editora.

_____. Aspectos da delinquência juvenil (1982b). In:_____. *A criança e seu mundo* (6ª ed., A. Cabral, trad., pp. 183-188). Rio de Janeiro: LTC Editora.

_____. (1982c). E o pai? In: _____. *A criança e seu mundo* (6ª ed., A. Cabral, trad., pp. 127-133). Rio de Janeiro: LTC Editora. (Trabalho original publicado em 1945).

_____. (1982d). Roubar e dizer mentiras. In: _____. *A criança e seu mundo* (6ª ed., A. Cabral, trad., pp. 183-188). Rio de Janeiro: LTC Editora.

_____. (1982e). Um homem encara a maternidade. In: _____. *A criança e seu mundo* (6ª ed., A. Cabral, trad., pp. 15-18). Rio de Janeiro: LTC Editora.

_____. (1983a). Moral e educação. In: _____. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (I.C.S. Ortiz, trad., pp. 88-98). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1963).

_____. (1983b). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: _____. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (I.C.S. Ortiz, trad., pp. 38-54). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1962).

_____. (1988). Concern, culpa e realidade psíquica pessoal interna. In: _____. *Natureza Humana* (D. Bogomoletz, trad. pp. 89-98) Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1995). Privação e delinquência. (2a ed., A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1999a). A criança no grupo familiar. In: _____. *Tudo começa em casa*, (5ª ed., P. Sandler, trad., pp. 123-136). São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1999b). A imaturidade do adolescente. In: _____. *Tudo começa em casa*, (5ª ed., P. Sandler, trad., pp. 145-163). São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1999c). Vivendo de modo criativo. In: _____. *Tudo começa em casa*, (5ª ed., P. Sandler, trad., pp. 22-38). São Paulo: Martins Fontes.

_____. (2000a). A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional. In: _____. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (D. Bogomoletz, trad. pp.288-304). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950-1955)

_____. (2000b). A preocupação materna primária. In: _____. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (D. Bogomoletz, trad. pp. 399-405). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1956).

_____. (2000c). Desenvolvimento emocional primitivo. In: _____. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (D. Bogomoletz, trad. pp. 218-232). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1945).